NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO RODRIGUES

Redactores — HELDER VERÍSSIMO FRANCO — MÁRIO FERREIRA BACALHAU

Administradores — CARLOS ALBERTO SIMÃO — ANTÓNIO HENRIQUE OLIVEIRA

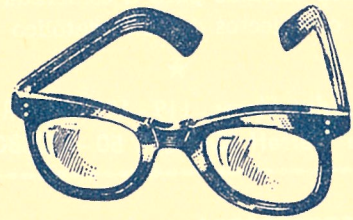
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE JESUS ESCUDEIRO

Comp. e imp. Emp. Tip. Casa Portuguesa Sucrs., Lda. - R. das Gáveas, 109 - Lisboa

DEFENDA A SUA VISTA

Usando Lentes e Armações de 1.ª qualidade

CASA ESPECIALIZADA NA EXECUÇÃO DE RECEITAS MÉDICAS

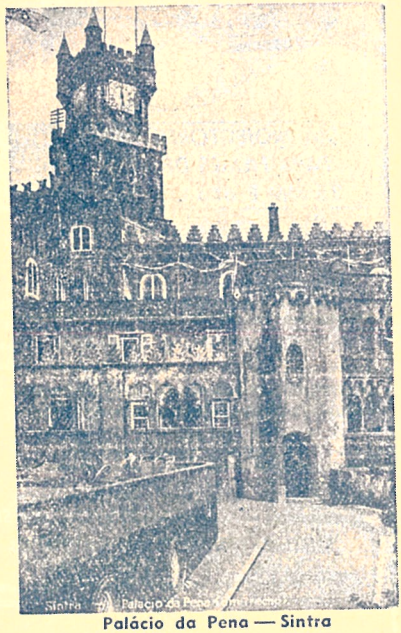


ÓCULOS, ESTOJOS, LUPAS, BINÓCULOS, TERMÓMETROS, BARÓMETROS, ETC.

OPTICAL, LDA.

Portas de Sto. Antão, 30-2.º (Antiga Rua Eugénio dos Santos) LISBOA — Telef. 36 77 62

Concedemos o desconto de 40 % a todo o Ex.mo clero e família



Palácio da Pena — Sintra

Mais de 30 anos ao serviço da construção, podendo contar-se entre as primeiras obras executadas, o Palácio de fama mundial que vemos na gravura.

CHALLENGE

É a marca de garantia para a vedação hidrofuga e isolamento térmico de qualquer edifício ou templo.

Consulte sem compromisso os serviços técnicos da firma.

V. T. MARTINS

Rua da Prata, 59, 3.º Esq.
Telef. 2 36 90 — LISBOA

Ourivesaria ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

★

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

★

Rua das Flores, 119 - 121 — PORTO
Rua Garrett (Chiado), 50 — LISBOA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços.
Exclusivos — Secção de cachecóis e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

☆

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

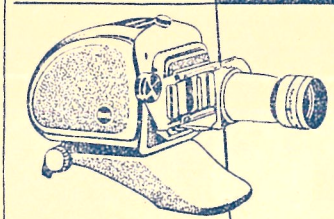
Telef. 5 — B. Baixa - CARDIGOS

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

PREMIADA EM 7 EXPOSIÇÕES:
4 ESTRANGEIRAS E 3 NACIONAIS

PARA O ENSINO PELA IMAGEM — Noris



DIA-PROJECTORES PARA FILMES DE 35 MM E 6x6 CM

INDISPENSÁVEIS A SACERDOTES, PROFESSORES, CONFERENCISTAS ETC

OS MELHORES AUXILIARES DO EDUCADOR MODERNO

Preferidos igualmente pelos bons amadores fotográficos para projectar as suas transparências em côres

Os dia-projectores Noris são fornecidos em elegantes maletas de transporte e a preços extremamente baixos

OS PROJECTORES DE IMAGENS FIXAS Noris PODEM SER FORNECIDOS COM LÂMPADAS PARA 110 OU 220 V. E TAMBEM PARA BATERIA DE 12 V. PARA AS REGIÕES SEM ELECTRICIDADE

Noris — OS PROJECTORES QUE CONQUISTARAM A SIMPATIA DOS EDUCADORES PORTUGUESES

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

REPRESENTANTE | M. SIMÕES JR. | RUA DA CONCEIÇÃO, 46, 1.º - TELEF. 3 0306 - LISBOA

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA (1)

PIO XII, PAPA
SERVO DOS SERVOS DE DEUS
PARA PERPÉTUA MEMÓRIA

Decorrido o 1.º século após a aparição na gruta de Lurdes da Virgem Maria Mãe de Deus, isenta de todo o pecado, por nossa piedade para com ela desejamos que todos aqueles que se dizem católicos celebrem dignamente tal acontecimento. Temos para nós que de nenhum outro modo é possível fazê-lo com mais fruto que esforçarem-se todos *os cristãos* por meditar e imitar com todo o entusiasmo as virtudes da excelsa Mãe de Deus. De grande utilidade são as piedosas peregrinações em que os fieis de todo o mundo, quer em grupo quer em particular, se hão-de dirigir a Lurdes, onde elevarão a Deus súplicas ardentes, cientes do valiosíssimo patrocínio da Virgem Imaculada, sem qualquer distinção de raça ou nacionalidade mas unidos pelos vínculos cristãos de uma fé intensa e duma caridade vigorosa. Para tal igualmente contribuem, temo-lo por certo, uma notável comissão já constituída e de que é presidente o Cardeal Eugénio Tisserant; 2 congressos, um mariológico e outro mariano a realizar, segundo nos foi dito, no próximo mês de Setembro; por fim todas as celebrações que por este motivo se hão-de realizar em cada uma das partes do globo e as preces piedosas que a Deus se hão-de elevar e a Sua Mãe. É nosso desejo veemente — o que aliás já fizemos notar na carta Encíclica sobre o centenário das Aparições de Lurdes, datada de 2 de Julho passado — que não só em Lurdes se festeje o centenário, junto da veneranda Imagem da Virgem Imaculada, senão também em qualquer parte em que

(1) A.A.S. vol. 49, 1957, pág. 1051-1056.

a nossa Mãe do céu seja venerada e sobretudo onde houver templos consagrados a Deus em sua honra, tanto nas grandes metrópoles e cidades como nas mais remotas aldeias e povoações.

Assim, conforme todos nós esperamos e imploramos, a excelsa dignidade da B. Virgem Maria há-de brilhar aos olhos de todos, para que a piedade do povo cristão se vá desenvolvendo cada vez mais dia a dia e para que a vida moral dos cristãos, hoje violentamente tentados por tão graves males, rejuvenesça, quer na vida particular quer na vida em sociedade, e seja para os que andam afastados da verdade e da virtude, exemplo e incitamento.

Como afirmou, há 25 anos, por ocasião de celebrações semelhantes o nosso antecessor Pio XI, de feliz memória, em carta ao Bispo de Tarbes e Lurdes (A. A. S. vol. XXVII, 1935, pág. 5), ao dizer que não havia modo mais apto nem mais digno de festejar tais solenidades do que, convenientemente purificados pelo Sacramento da Penitência, os fieis se aproximarem da Divina Eucaristia com muita piedade e participarem no Sacrifício do Calvário, diàriamente realizado de modo incruento, assim nós paternalmente vos dirigimos as mesmas exortações. A Eucaristia, é, na verdade, como que o centro e a razão máxima da vida cristã, pois dela brotam abundantemente para as nossas almas forças celestes e graças divinas que nos são auxílio para vencer os perigos do século e gozar das alegrias da idade futura. O Sacramento da Eucaristia e o Augusto Sacrifício do Altar que são dons que qualquer homem não é capaz de ultrapassar nem mesmo na linha do pensamento e parece terem levado ao extremo o amor de Deus e esgotado sua misericórdia, exigem de nós um amor eficiente e activo; um amor tal que sustente e informe a nossa vontade, o nosso modo de proceder, toda a nossa vida. Nada podemos fazer de mais agradável a Maria, nossa dulcíssima mãe, que. pela participação nos tesouros da sua Divina Redenção, unirmo-nos cada dia mais intimamente a seu Filho único, o qual é, e só Ele, «o caminho, a verdade e a vida» (João XIV, 6)

Nossa Senhora ao aparecer na gruta de Lurdes a uma rapariga inocente e pura, não se limitou a exortá-la a ela e, por seu intermédio, a todos os homens, a darem-se à oração, mas também a aceitarem espontânea e livremente os incómodos da penitência. Por isso é nosso desejo que durante este ano os cristãos, em expiação dos pecados próprios e

alheios, se entreguem não sòmente ao domínio e refreamento das paixões, mas também e na medida do possível, à aceitação voluntária das austeridades e rudezas da vida. Além de tudo o mais, lembrem-se todos os cristãos que estas são as primeiras e mais necessárias obras de penitência que todos devem suportar: os trabalhos, as dores e enfermidades que acompanham os homens na sua passagem por esta vida.

Tais trabalhos, dificuldades e agruras devem-nas os cristãos suportar de tal maneira que tudo o que lhes é pesado, os incomoda e entristece, o ofereçam a Deus como hóstias dum sacrifício místico. Deste modo, tornarão a Deus propício, ofendido como está pelos nossos próprios pecados e alheios, atrairão sobre si dons e consolações e até as tribulações da alma se tornarão mais leves, segundo aquela palavra doce do Divino Redentor: «Vinde a Mim, vós todos que vos afadigais e andais sobrecarregados e Eu vos aliviarei... e achareis alívio para as vossas almas» (Mat XI — 28-29).

Apraz-nos conceder especiais privilégios e favores a todos os que durante o ano jubilar se dirigirem em piedosa romagem a Lurdes e aí voluntàriamente observarem as normas que a seguir vamos dar. Ou seja, concedemos, por Nossa Apostólica Autoridade, a todos os fiéis, qualquer que seja o seu sexo que, devidamente purificados pelo Sacramento da Penitência e alimentados, em Lurdes, pela sagrada Eucaristia, no ano que vai desde o aniversário da Aparição da Virgem Mãe de Jesus, 11 de Fevereiro de 1958, até ao dia 11 do mesmo mês de 1959, visitarem tais lugares e rezarem, por nossas intenções, uma Indulgência Plenária, a lucrar uma só vez, em dia escolhido livremente pelos fiéis.

É nossa intenção: que se implore de Jesus o rápido e total regresso de todos os que se tenham afastado da verdade cristã, a única que pode dar luz às inteligências e paz aos corações; que todos os que se encontrem miseràvelmente subjugados pela servidão do demónio lavem suas manchas e sejam restituídos à virtude; que se estabeleça quanto antes e seja uma realidade, a concórdia e a paz entre os cidadãos e os povos; que finalmente a Igreja Católica goze de liberdade em toda a parte no exercício do seu múnus para que possa melhor e mais fàcilmente velar pela salvação dos homens e dirigir seus passos no caminho da prosperidade.

Para que mais fàcilmente os fiéis possam participar destes dons celestes, concedemos poder ao Bispo de Tarbe e Lurdes para delegar em

quaisquer presbíteros da sua diocese, quer sejam seculares, quer de Ordem, Congregação ou Instituto Religioso, a faculdade de absolver os fiéis devidamente preparados das censuras e casos reservados à Sé Apostólica, desde que seja no foro interno e na confissão sacramental, havendo o cuidado de impor, segundo juízo prudente, a respectiva e salutar penitência. Não lhes será portanto concedida absolvição de censuras no foro externo. Excluem-se todavia destas extensíssimas faculdades de censura as reservadas ao Romano Pontífice pessoalmente bem como as reservadas à Santa Sé de modo especialíssimo, as quais só podem ser absolvidas segundo o estatuído no cânone 2.254; outrossim se exclui a censura a que serefere o cânone 2.388 § 1, reservada à Santa Sé, à luz do Decreto «Lex sacri coelibatus», promulgado pela S. Penitenciaria em 18 de Abril de 1936. (A.A.S. vol. XXVIII, 1936, pág. 242-243) e da Declaração emitida pela mesma S. Penitenciaria em 4 de Março de 1937. Por força deste Decreto e desta Declaração, a referida censura, no caso especial de que se trata, está reservada à Sagrada Penitenciária de modo que dela ninguém pode absolver, excepto em perigo de morte, nem por força do cânone 2.254.

Além disto os fiéis que expressamente estiverem atingidos por qualquer censura ou como tais forem pùblicamente declarados, não podem gozar deste benefício, enquanto não satisfizerem no foro externo, conforme o direito exige. Se, porém, no foro interno tiverem renunciado a qualquer obstinação e se mostrarem devidamente dispostos, poderão, se não houver perigo de escândalo, ser absolvidos no foro sacramental para lucrarem ao menos a Indulgência do Jubileu, com a condição de sujeitarem-se no foro externo às exigências do direito .....

Dado em S. Pedro de Roma, no dia 1 de Novembro, festa de todos os Santos, no ano do Senhor de 1957, 19.º do nosso Pontificado.

Pio XII, Papa

(Tradução do original latino de Artur Lemos)

ESQUEMA DE ESPIRITUALIDADE DO PADRE DIOCESANO

É um facto que o Espírito Santo sopra com veemência na Santa Igreja de Cristo na hora que passa. Sem dúvida onde Ele mais tem agitado os espíritos é entre o clero. Também é um facto que toda a nossa formação diocesana, de há uns séculos para cá, tem sido informada por moldes de espiritualidade assaz individualista, egocêntrica, que produziu seus frutos, certamente, mas que nem ao clero nem aos fieis de hoje satisfaz.

A religião não é um método de aperfeiçoamento moral pessoal, mas é antes de mais uma escola de adoradores do Deus verdadeiro.

É o Espírito Santo que provoca esta inquietação que alastra cada vez mais, graças a Deus. O clero sente que as formas individualistas do passado não chegam, não satisfazem as exigências destes tempos novos e tenta encontrar novos rumos para uma vida espiritual mais profunda e mais autêntica.

Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, comunicou o seu sacerdócio à Igreja que nela se concretiza no Bispo e que se prolonga no Padre. O Padre portanto, sê-lo-á tanto mais perfeitamente quanto mais tiver o sentido da Igreja, o sentido do Bispo, quanto mais tiver a «teologia do episcopado», porque assim mais perfeitamente se identificará com o pensar e agir daquela e mais participará da caridade deste que é «o responsável do apostolado na Diocesse, o Juiz, o Doutor, o Senhor do poder, princípio da unidade e esposo da Igreja diocesana».

Cristo é a origem, fonte e modelo do poder. Por isso ele terá que aprofundar o conhecimento d'Ele para O reproduzir em si (ele é o seu *re*-presentante) e depois irradiá-lO.

A piedade do padre diocesano terá que ser por isso eminentemente uma piedade eclesial e cristocêntrica, por uma devoção acentuada ao SS. Coração de Jesus, «no qual estão contidos todos os tesouros de sabedoria e de ciência», «Coração cheio de bondade e amor» (1).

I *CONHECIMENTO DE CRISTO*

a) Oração

A primeira maneira de adquirir o conhecimento de Jesus, é pela fé e pela oração. Oração que deverá tender para uma verdadeira contemplação na qual Deus se comunica à alma do Seu padre. O padre será «Verdadeiro adorador em espírito e a verdade» desses que o Pai quere (2).

A sua oração deverá ser unificada e unificante. Para alimentar a vida interior, mais do que uma série de actos descontínuos, deverá o padre reservar para si, embora com o sacrifício das obras, algum tempo de recolhimento, como que umas recolecções diárias. Se possível, uma de manhã em torno da Missa e outra da parte da tarde em torno do Ofício Divino. Verdadeiros encontros com Deus, muito sérios, que o padre deverá considerar os momentos principais do seu dia, tanto para si como para o ministério. Não seria de desejar para o padre do ministério, absorvido por milhentas preocupações que o solicitam a sair fora de si mesmo, que entre estas pequenas recolecções diárias e a mensal, se reservasse uma manhã, semanalmente, para tranquilamente reabastecer o espírito e a inteligência?...

b) Estudo

Mas o problema da oração é antes de mais nada um problema das suas fontes. A oração do padre deve brotar alegre, espontânea e constante do seu coração. Como a água que brota à superfície vem da profundeza da terra, assim a oração deve vir da profundeza do ser, desse depósito sempre renovado por uma maior «consciencialização» da própria oração ministerial (missa, ofício, administração dos sacramentos, etc.), pela leitura reflectida da Sagrada Escritura, manancial inexaurível da revelação e pelo estudo das ciências sagradas e dos documentos pontifícios e episcopais.

II *IMITAÇÃO DE CRISTO*

Conhecida a Pessoa de Cristo, não pode o padre deixar de se apaixonar por Ele e por isso de O imitar.

Em Cristo existem duas atitudes fundamentais: uma virada para Deus, um grande amor ao Pai, Ele é o «religioso do Pai», como lhe chama a escola francesa, outra virado para os homens, que se manifesta sobretudo por um grande amor à Igreja que fundou e por quem se entregou.

a) Amor à Igreja e à Hierarquia.

O padre, como Cristo, deve entregar-se inteira, incondicional e perpètuamente à Igreja por intermédio do seu Bispo, enquanto este estiver em comunhão com o Sumo Pontífice.

O padre deve amar a Hierarquia tal qual Cristo amou o Pai e nela deve ver a expressão autêntica da autoridade e vontade do Pai, a Quem deve amorosamente submeter-se, como Cristo, que fazia da vontade do Pai o Seu alimento [3]. Deve preocupar-se em como realizar a obra de que o Bispo, o único apóstolo autêntico da diocese, está encarregado. O padre diocesano vale na medida em que estiver ligado ao seu Bispo a quem se entrega como súbdito, amigo e filho, Vale na medida em que se entregar à obra da Igreja diocesana.

b) Espírito de sacrifício.

Esta colaboração na caridade do Bispo, não é outra coisa do que o exercício da própria caridade pastoral que orientará toda a sua vida e toda a sua ascese. Ela tornar-se-á o centro de unidade da sua piedade e da sua actividade. É o seu dever de estado, é o que o há-de santificar, é a sua ascese própria.

A ascese é uma prova e uma condição de caridade. Esta caridade exige uma grande abnegação. Foi a condição que o Senhor pôs: «qui vult post me venire, *abneget* semetipsum, *et tollat crucem suam* et sequatur me (4).

O burguesismo no padre é incomprensível, inadmissível.

III *IRRADIAÇÃO DE CRISTO*

Conhecendo Cristo e imitando-O, não pode o padre deixar de O irradiar. Como?

a) Liturgia

Em primeiro lugar pela sagrada liturgia — a fé e a virtude de religião exprimem-se autênticamente no culto. Além disso, o culto litúrgico é algo de divino e de imprescindível porque é «o culto público que o nosso Redentor rende ao Pai como cabeça da Igreja» (5).

A Liturgia não é outra coisa do que a própria vida de Cristo, vivo na Igreja, actuando nela e por ela. A liturgia não é apenas uma comemoração das várias fases da vida de Cristo, vivida há vinte séculos, mas a actualização dessa vida, essa vida com todo o seu valor redentor posta ao alcance do homem de hoje; é todo o mistério de Cristo que se renova em nós e para nós. É por isso a mais perfeita irradiação de Cristo.

b) Pregação.

A pregação funciona na economia da Igreja como condição normalmente indispensável para a recepção e robustecimento da fé.

«Quomodo ergo invocabunt in quem non crediderunt? Aut quomodo credent ei quem non audierunt? Quomodo autem audient sine praedicante? Ergos fides ex auditu, auditus autem per verbum Christi» (6). Logo a pregação é meio insubstituível para a irradiação de Cristo. Daí a necessidade imperiosa de preparar a pregação e o ensino religioso. O padre tem pois que se preparar, pregar e ensinar como se a fé e a caridade dos ouvintes estivessem dependentes da sua palavra.

c) Outros actos pastorais.

Mas evidentemente a caridade pastoral, como a dum coração de pai, não pode ser limitada, ela recorre a tudo.

Entre os esforços que hoje em dia ocupam um dos primeiros lugares, é sem dúvida o que tende a criar no meio sacerdotal um espírito e organização comunitários. O apostolado e por consequência a espiritualidade do padre diocesano não poderá ser apenas individual, *a fortiori* individualista (7). Infelizmente quantos estragos este apostolado individualista não tem feito em gerações sucessivas do clero e também entre os fieis!...

«Uma tal atitude contradiz o dogma fundamental do Cristianismo (que aliaz andamos empenhados em ensinar aos fieis): a doutrina do Corpo Místico. Está também em contradição com a teologia do sacerdócio que não é sacerdotal senão em relação com o sacerdócio do bispo e, por conseguinte, para os padres diocesanos, no próprio quadro dos padres da diocese. Está também em contradição com a organização evangélica e o seu desenvolvimento nos primeiros séculos da Igreja.

O espírito comunitário que consiste em pôr em comum o próprio apostolado, a «despersonalização» do ministério sacerdotal em proveito do grupo inteiro, é a aplicação da indivisibilidade do sacerdócio, que os Padres da Igreja, depois de S. Paulo gostaram de ensinar. Que os fieis não possam dizer: «Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, mas ùnicamente: eu sou da Igreja, eu sou de Cristo» (8).

Este apostolado comunitário exige também como que uma «devoção aos próprios padres que os há-de unir como irmãos, auxiliarem-se nas dificuldades do ministério, orando e visitando-se em verdadeiro espírito sacerdotal, prestando-se serviços e tomando parte em reuniões, das quais resulte um apostolado reflectidamente estudado e levado a cabo quanto possível em comum.

IV *DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA*

Assim como a Santíssima Virgem foi o candelabro que susteve «a luz do mundo» Jesus Cristo; assim nós padres («vós sois a luz do mundo») (9) nada conseguiremos se não formos sustidos por ela, Mãe do Sacerdote Eterno, a Medianeira de todas as graças, a Rainha dos Apóstolos, Auxílio dos cristãos e Refúgio dos pecadores. Isto só é possível por uma devoção muito pessoal à Santíssima Virgem.

Mons. D. João de Castro

---

(1) — Lad. S. C. J.
(2) — Jo. 4/23
(3) — Jo. 4/34
(4) — Mat. 16/24
(5) — Mediator Dei
(6) — Rom. 10/14-17
(7) — «Pour le clergé diocésain» pag. 148
(8) — idem
(9) — Mat. 5/14
Haurietis Acquas
Mediator Dei
Menti Nostrae

SANTO AGOSTINHO

LOCALIZAÇÃO DO SANTO E DO FILÓSOFO

SANTIDADE E FILOSOFIA

«Não há senão uma tristeza, a tristeza de não sermos santos». Assim exprimiu Leão Bloy a nostalgia e a fome de Deus. A Pessoa de Jesus exerce sobre nós uma misteriosa atracção mas a nossa miséria e pequenez amplificam a distância a que estamos dele. Apaixonados pelo Mestre, toma ressonância singular o nosso nada. Toda essa inquietação, porém, é salutar : radica e termina em Deus. «*Criaste-nos para Ti e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repoisa em Ti).* (1)

Se tudo ficasse na inquietação, a tristeza seria definitiva e satânica, mas o Senhor dá-nos a Santidade para O atingirmos e O termos presente na nossa vida de cada dia. A Santidade brota do próprio Cristo e depois vem pela sua Igreja : nos seus sacramentos, na sua vida, na sua história, nos seus luminares. E quando deparamos com Santos, como Agostinho, todos gerados por Mãe tão solícita e piedosa, a nossa acção de graças sume-se na dela :

«Verdadeiramente é digno e justo, racional e salutar, render-Vos graças em todo o tempo e lugar, ó Senhor santo, Pai Omnipotente, eterno Deus. Porque o suave Agostinho, instrumento da vossa eleição e luz dos doutores, refulgiu em toda a terra pelo esplendor de admirável claridade, e verdadeiramente ilustrou a Santa Igreja da Fé ortodoxa : destruiu as heresias, repeliu os erros e venceu os herejes, e honrou com os costumes todos os estados da vida cristã, instruindo os cléricos, corrigindo os leigos, reconduzindo os desviados ao caminho da verdade ; e atendendo salutarmente às condições de todos. Agostinho navegou sàbiamente a vossa nau neste mar. Portanto com os Anjos e Arcanjos, com os Tronos e as Dominações, e com toda a milícia do exército caleste, cantando o hino à vossa glória, dizendo sem cessar...» (2).

Para os que querem ser padres santos e sábios, Agostinho ergue-se como modelo que pode transformar-se em terrível acusador, se o egoísmo, a sensualidade e a ignorância frustarem a vocação.

---

(1) *Confissões,* l. I, I. Ed. portuguesa
(2) Prefácio da missa da Conversão de Sto. Agostinho, do Próprio de Coimbra, Lamego e Leiria.

O Cristianismo é Revelação e portanto dádiva. Foi-nos dado porque nunca a razão o conseguiria achar. Não sendo uma filosofia, um sistema de alegria, não deixou de a pouco e pouco ir levedando toda a vida do homem.

Uma vez aconteceu ser Deus a conhecer a história : o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Duas naturezas numa só Pessoa. O homem podia agora pensar autênticamente. O Cristianismo enxerta-se logo no mundo como religião ; porque também uma Vida, iria encarnando com o tempo as numerosas zonas do espírito : a cultura, a arte, a moral e a filosofia.

O pensamento que se descobrira a si mesmo com os gregos, vai entranhar-se da Graça. A unidade do homem, a unidade de Deus e da Verdade implicam a harmonia da razão e da Fé, a união da Filosofia e da Santidade. A Filosofia, estudo do ser, reclama atenção e amor ao real e a Santidade, vivência do sagrado na nossa humanidade, supõe fidelidade a Deus, realidade suprema. Humildade, por conseguinte, a fundamentar as duas.

Clemente de Alexandria afirmava ser preciso primeiro purificar o coração para depois aplicar a inteligência, e a falha, a insuficiência da filosofia antiga era assim indicada por St.º Agostinho :

«*A todos* (estóicos, epicuristas e platónicos) *faltou o exemplo da divina humildade que a seu tempo foi mostrado por Nosso Senhor Jesus Cristo. Ante esse exemplo cede, quebra-se e morre no ânimo do homem mais altivo e arrogante toda a soberba*». (3)

O pensamento antigo procurara constituir-se em sabedoria, o seu ideal era formar o sábio. A sabedoria é uma ideia vivida : um comportamento adequado ao homem, em função das suas capacidades e relações com o mundo, os demais homens e o divino. Sócrates e Platão assim se situam. E mórmente após Aristóteles, toda a especulação se limita pràticamente ao problema ético : surgem os estóicos, os epicuristas e os cínicos. O homem quer encontrar a beatitude para a possuir e esta pesquiza é feita pela razão, pressupõe-na mesmo. Assim, harmonia do pensar e do viver. Em rigor, não há uma Filosofia — sistema de ideias, e uma vida — realização de princípios. Há apenas Sabedoria que as resume e unifica.

É inegável o anelo de espiritualidade de quase todos os sistemas anteriores ao Cristianismo, mas comum, fatal e insuperável o obstáculo : era inadmissível para os antigos a criação «ex-nihilo» e a concepção de Deus puro espírito, absolutamente transcendente ao mundo, à matéria e ao homem. O panteísmo era forçoso e o logro da beatitude quando não posto no prazer (como opinavam os epicuristas), rematava absurda e brutalmente no suícidio (assim teorizavam os estóicos, depois de colocarem no homem e na virtude deste toda a justificação do bem moral).

Em resumo, os gregos tinham começado bem, mas acabado desastrosamente porque desconhecedores do verdadeiro conceito de Deus. Este é o trazido pelo Verbo Encarnado.

---

(3) *Carta 118, a Dióscoro,* III, 17. Obras de San Agustin, t. VIII. Biblioteca de Autores Cristianos.

Nos primeiros séculos, o labor especulativo dos cristãos limita-se a uma apologética que, no entanto, não ignora — até os valoriza — os êxitos obtidos no paganismo pela razão. Assim S. Justino (séc. II) e Clemente de Alexandria (séc. II-III).

Os dois chegaram ao Cristianismo pela Filosofia. Passaram pelo estoicismo, aristolelismo, platonismo e pitagorismo. Para o primeiro a verdadeira filosofia é o Cristianismo : «É notório que o que ensinamos é muito mais sublime que qualquer doutrina humana, porque tudo o que pertence ao Verbo, tudo isso é Cristo que veio a este mundo e se fez corpo, Verbo e alma». (4) Clemente adianta muito mais : a Filosofia é estrictamente indispensável. Depois de ser um preâmbulo à Fé, pode e deve ser uma espécie de ginástica demonstrativa da mesma Fé. «Há pessoas que se consideram tão bem dotadas que pretendem não se preocupar com a Filosofia nem com a dialética e não aprender mesmo os segredos das ciências naturais ; não procuram senão a Fé. É como se pretendessem colher de repente as uvas sem terem cuidado da videira. Entendo por videira o Senhor (em sentido alegórico) de quem devemos vindimar o fruto mediante os cuidados duma cultura sábia que se realiza pelo trabalho da razão». (5)

É, porém, com St.º Agostinho que dum modo claro e definitivo a Fé e a razão se vão coordenar e que começa explìcitamente a filosofia cristã. O intelectualismo dos gregos não lhe era estranho, ainda que filtrado pelo misticismo poético dum Platão ou dum Plotino, e as exigências dos sincretismos helenistas vinham encontrar uma experiência vivida a toda a amplitude da carne, do espírito e da Graça: pecador e santo, filho das lágrimas de Mónica e bispo abrasado de solicitude, poeta e pensador, adolescente enfunado de saber e doutor da Igreja.

A VIDA

Agostinho nasce em Tagaste, no norte de África, a treze de Novembro de 354. Realiza aos treze anos os primeiros estudos de gramática em Madaura, para depois na adolescência ir aperfeiçoá-los a Cartago. Aos vinte e três anos converte-se ao maniqueísmo e no ano seguinte é já professor de retórica em Cartago. A sua adolescência e juventude tinham-se passado em crises de castidade à mistura com a vocação da sabedoria. Da sua vida irregular nascerá um filho, Adeodato, que morrerá ainda jovem. Além do Senhor que se lhe apresentava por meio da voz da consciência, estava vigilante sua mãe, tipo perfeito e acabado da mulher forte da Escritura.

Em 383 está em Roma para depois passar a Milão como professor. Aqui ouve os sermões de St.º Ambrósio. Isto, mais a leitura de Plotino e o contacto com a Sagrada Escritura (concretamente com S. Paulo) redundam na sua conversão em 386. Antes de receber o baptismo no ano seguinte, faz um retiro em Cassicíaco, onde escreve os diálogos filosóficos.

---

(4) *Apologia II*, 10. *Florilegium Patristicum*, G. Rauschen, Fasc. Alter, S. Iustini Apologiae Duae, Bonnae, 1911.

(5) *Les Stromates*, Stromate I, c. IX, 43, 1-2 apr. por C. Mondésert e Marcel Caster, ed. du Cerf, Paris, 1949.

Volta em 388 para África, onde entusiasmado pelo manaquismo oriental funda logo um mosteiro. Sua vida eclesiástica é inaugurada em 391 quando ordenado de presbítero pelo bispo Valério de Hipona. A sua vida vai ser toda consumida ao serviço da Igreja. Pregação, correspondência, assistência a concílios, debates públicos com herejes, respostas a consultas teológicas e filosóficas são a razão da vida de Agostinho.

Ocupa a cadeira episcopal de Hipona em 397. É o período mais frutuoso. Alia a acção pastoral ao trabalho intelectual. A «*Cidade de Deus*» e o tratado sobre «*A Trindade*», talvez as obras máximas, são desta época.

Em 430 os vândalos chefiados por Genserico cercam Hipona. Os bárbaros detiveram-se, podemos dizer, perante a vida excelsa que se ia extinguir. Agostinho vem a morrer nesse mesmo ano a 28 de Agosto antes de Genserico atacar a cidade. (6)

S. Possidio soube dar a vida do homem que podemos chamar «Águia da humanidade e Luminar da Igreja de Deus».

Diz-nos do zelo na administração da justiça mesmo civil, para o que não queria saber das refeições. Temperava a pobreza com o requinte — sempre usou talheres de prata. Repartia com os pobres os próprios bens eclesiásticos, visitava os enfermos, era prudente com as mulheres. A paz de espírito era tamanha que quis rectificar os escritos. Daqui as «Retratações» exemplo de humilde. Inflexível e vigilante, perante o medo de alguns bispos das cidades já invadidas pelos bárbaros, exorta-os e impele-os a não abandonar as ovelhas.

Estudante, professor, sábio, bispo e Santo vem a morrer na paz. Não resistimos a transcrever S. Possidio :

«Viveu St.° Agostinho 76 anos, consagrando essa larga vida à utilidade e bem da Santa Igreja ; foi sacerdote e bispo quarenta anos. Costumava-me dizer em conversa íntima que os sacerdotes e cristãos, mesmo os melhores, deviam depois do baptismo fazer conveniente penitência antes de partir deste mundo. Assim o fez na última doença : mandou copiar os salmos penitenciais de David e pondo os cadernos na parede, diante dos olhos, olhava-os dia e noite, chorando muito... Nunca abandonou a oração. E no fim, conservando sãos os sentidos, assistido por nós que o olhávamos e rezávamos com ele, adormeceu com seus pais, disfrutando ainda de boa velhice. Nenhum testamento fez, porque como pobre de Deus nada tinha que deixar. Pensando nos vindouros mandava sempre que se guardassem com cuidado a biblioteca e os códigos antigos... Deixou à Igreja clero mais que suficiente e mosteiros cheios de homens e mulheres com sua orgânica, a biblioteca dos seus livros e tratados de outros santos ; neles todo o cristão acha o dom de Deus e os fiéis o encontram sempre vivo.» (7)

---

(6) Não faltam biografias de Sto. Agostinho. Lembramos, por exemplo, o «*Sto. Agostinho*» do nosso Teixeira de Pascoais e o «*Sto. Agostinho*» de Giovani Papini. É contudo difícil encontrar uma que satisfaça: sacrificam por vezes a verdade à literatura ou a algum preconceito filosófico. Assim, Pascoais com um santo panteísta e Papini com um Agostinho exageradamente afectivo e sexual. Nada há que substitua a leitura das «*Confissões*» e de a «*Vida de Sto. Agostinho*» escrita por S. Possidio, primeiro biógrafo e contemporâneo do Santo Doutor. (Existe no T. I. das Obras de San Agustin da B. A. C.).

(7) *Vida de Sto. Agostinho* c. XXXI

«*Desde os meus 19 anos que me apaixonei pelo estudo da sabedoria, ao ler o «Hortênsio» de Cícero*». (8) É o próprio Agostinho a explicar a sua preocupação vital. Queria uma sabedoria viva e concreta, reclamada pela urgência do desejo da beatitude.

Todo o seu ideário filosófico oscila entre duas balizas : a alma e Deus :

— «*Que queres pois saber?*» (pergunta a Razão a Agostinho)
— «*Tudo o que pedi.*»
— «*Aponta-o brevemente.*»
— «*Quero conhecer Deus e a alma.*»
— «*Nada mais ?*»
— «*Absolutamente nada mais.*» (9)

Justamente o que torna viva, mesmo contemporânea a sua obra é a recorrência ao método psicológico. Toda a riqueza da vida interior é evocada, toda a potencialmente do espírito é revolvida para dar sentido e harmonia ao mundo exterior, para explicar a sede de infinito e de Deus que o homem trás. Haja em vista, por exemplo, a análise da memória ; não dmonstra ela a elasticidade, a estrutura maravilhosa e apaixonante da alma ?

«*Grande é o poder da memória, ó meu Deus ! Tem não sei quê de horrendo, uma multiplicidade profunda e infinita ; mas isto é o espírito, sou eu mesmo. E que sou eu, só meu Deus ? Qual é a minha natureza ? Uma vida variada de inumeráveis formas e amplidão imensa. Eis-me nos campos da minha memória, nos seus antros e cavernas sem número, repletas, ao infinito, de toda a espécie de coisas que lá estão gravadas, ou por imagens, como os corpos, ou por si mesmas, como as ciências e as artes, ou, então, por não sei que noções e sinais, como os movimentos da alma, os quais, ainda quando a não agitam, se enraízam na memória, posto que esteja na memória tudo o que está na alma. Percorro todas estas paragens ; vôo por aqui e por ali ; penetro por toda a parte quanto posso, sem achar fim, tão grande é o poder da memória e tal o vigor da vida que reside no homem vivente e mortal.*» (10)

O esquecimento da alma é imperdoável ao que quer ser sábio. A consciência como fundamento de todo o conhecimento continua a tradição socrático-platónica. — «*E vão os homens admirar as alturas dos montes, as alterosas ondas do mar, as torrentes indomáveis dos rios, a largueza do oceano, as órbitas dos astros — e esquecem-se de si mesmos*». (11)

A simples auto-percepção da vida conduz ao transcendente. O Doutor da Graça serve-se da alma como trampolim para chegar a Deus. Toda a sua filoso-

(8) *Conf., VIII*, 7.
(9) *Solilóquios*, l. I, c. 2, 7. T. I, B. A. C.
(10) *Conf.*, X, 17.
(11) *Ibid.*, X, 8.

fia, a estética, a psicologia, a moral, a teologia da história, tudo resulta naturalmente como domínio onde se teorizam as relações da alma com Deus. Deste modo o pensamento augustiniano é denso e radicalmente teocêntrico: a Deus tudo assimila e submete, não lhe escapa.

Compreendemos porque ao se falar em Augustiniamismo é lícito logo falar-se em filosofia cristã. (12)

Ilustremos com o próprio santo a passagem da alma a Deus :

«Que farei, ó meu Deus, ó minha verdadeira vida? Transporei esta potência que se chama memória; transpô-la-ei para chegar até Ti, ó minha doce luz? Que me dizes? Eis que, subiu em espírito, até Ti, que moras lá no alto, acima de mim, transporei esta potência que se chama memória. Quero alcançar-Te por onde podes ser atingido, e prender-me a Ti...

Passarei, pois, além da memória, para poder atingir Aquela que me distinguiu dos animais e me fez mais sábio que as aves do céu. Passarei, então, para além da memória, para Te encontrar. Mas onde, ó Bondade verdadeira e suavidade segura? Para Te encontrar,mas onde?» (13)

E é vermos Agostinho arrebatado e impaciente por esgotar toda a humana palavra, num esforço ingente, para nos falar do Senhor:

«O céu, a terra, e tudo o que neles existe, dizem-me por toda a parte, que Te ame...

Que amo eu, quando Te amo? Não amo a formosura corporal, nem a glória temporal, nem a claridade da luz, tão amiga destes meus olhos, nem as doces melodias das canções variadas, nem o suave cheiro ds flores, dos perfumes ou dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão agradáveis aos abraços da carne. Nada disto amo, quando amo o meu Deus. E contudo, amo uma luz, uma voz, um perfume, um alimento, e um abraço, quando amo o meu Deus, luz, voz, perfume e deleite do homem interior, onde brilha para a minha alma uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não arrebata, onde cheira um perfume que o vento não esparge, onde se saboreia uma comida que a sofreguidão não diminui, onde se sente um contacto qu a sociedade não desfaz. Eis o que amo quando amo o meu Deus.» (14)

O borbulhar das palavras não consegue conter toda a fé e amor, vela esse Deus tão próximo pelo coração e tão distante pela razão, o que implica para a

---

(12) Uma síntese de como Sto. Agostinho elabora uma filosofia: «N'hésitons pas à compléter le travail de la théologie par celui de la philosophie, c'est-à-dire de la raison. Fions-nous à elle pour découvrir l'accord des textes de l'écriture quand ils semblent jurer d'être ensemble. Fions-nous à elle pour confirmer les propositions que la foi impose et répondre aux objections qu'on soulève à leur sujet. Fions-nous à elle pour tirer les conséquences des prémisses posées et résoudre les problèmes que Dieu a abandonnés aux discussions humaines. Croyons d'abord par un humble acte de foi, puis efforçons-nous de compendre et de justifier par la raison ce que nous aurons cru ainsi. — C'est à quoi s'applique ce que qu'on peut appeler la philosophie de saint Augustin». *«Saint Augustin, sa vie, son oeuvre, sa philosophie»* Cresson, pg. 25 col. Philosophes, P. U. F.

(13) *Conf.*, X, 17.

(14) *Ibid.*, X, 6.

alma um diálogo íntimo e permanente. É a oração, insusceptível de se classificar, que incia os «*Solilóquios*» :

«*Deus, criador de todas as coisas, dá-me primeiro a graça de bem te invocar, depois faz-me digno de ser escutado e por último liberta-me. Deus, por quem todas as coisas que por si nada foram tendem a ser. Deus, que não permitis a aniquilação aos seres que por si buscam a destruição. Deus, que criaste do nada este mundo, o mais belo que contemplam os olhos. Deus, que de nenhum mal és autor e fazes com que o mal não piore. Deus, que aos poucos que buscam refúgio no verdadeiro ser, lhes mostras que o mal é ùnicamente privação de ser. Deus, por quem a totalidade das coisas é perfeita, ainda com os defeitos que encerra. Deus de quem não procede dissonância alguma quando se harmoniza o pior com o melhor. Deus, a quem ama consciente ou inconscientemente tudo o que é capaz de amar... Deus, Pai da Verdade, Pai da Sabedoria e da vida verdadeira e suprema, Pai da beatitude, Pai de tudo o que é bom e belo, Pai da luz inteligível, Pai das inspirações com que dissipas a cegueira e nos iluminas, Pai da graça que nos faz voltar para Ti.*

A Ti invoco, Deus, Verdade, princípio, origem e fonte da verdade de todas as coisas verdadeiras. Deus, Sabedoria, autor e fonte de sabedoria de todos os que sabem. Deus, suprema e verdadeira vida, em quem, de quem e por quem vivem todas as coisas que suprema e verdadeiramente vivem. Deus, Bem-aventurança, em quem, e por quem são bem-aventurados todos que o são. Deus, Bondade e Formosura, princípio, causa e origem de todas as coisas boas e belas. Deus, Luz espiritual, que banhas de claridade as coisas que luzem à inteligência. Deus, cujo reino é todo o mundo que os sentidos não alcançam... Ó Deus, o separar de Ti é morrer, voltar para Ti é reviver, morar em Ti é viver. Deus, a quem ninguém perde senão enganado, a quem ninguém busca senão inspirado, a quem ninguém acha senão purificado. Ó Deus, deixar-Te é caminhar para a morte, seguir-Te é amar, ver-Te é possuir-Te. Ó Deus, a quem nos desperta a fé, eleva a esperança, une a caridade... Deus, por quem superamos as tentações e lisonjas dos maus ; Deus, por quem as pequenas coisas não nos aviltam e a nossa parte superior não está sujeita à inferior. Deus, por quem a morte será absorvida na vitória. Deus, que nos convertes e nos despes do que não é e vestes com o que é. Deus, que nos fazes dignos de ser ouvidos. Deus, que nos defendes. Deus, que nos guias à verdade... Deus, que nos dás o pão da vida. Deus, que nos dás a sede de beber e o que uma vez tomado nos sacia. Deus, que acusas o mundo de pecado, de justiça e de juízo... Deus, que nos purificas e preparas para a divina recompensa, acorre propício em minha ajuda.

Tudo quanto disse, Tu o és, ó meu Deus Único ; vem em meu socorro, ó substância una, eterna e verdadeira, onde não há nenhuma desarmonia, nem confusão, nem mudança, nem indigência, nem morte, mas sim máxima harmonia, máxima clareza, paz soberana, plenitude plena e máxima vida ; onde nada falta nem sobeja; onde o Progenitor e o Unigénito são uma mesma substância. Deus, a quem servem todas as criaturas capazes de submissão, a quem obedecem todas as almas boas. Segundo as tuas leis giram os céus e os astros realizam os seus

movimentos, o sol produz o dia, a lua prepara a noite, e todo o universo, de acordo com a sua condição material, conserva uma grande constância nas regularidades e revoluções dos tempos : durante os dias, com a mudança da luz e trevas ; durante os meses com o quarto crescente e minguante ; durante os anos com a sucessão da Primavera, Verão, Outono e Inverno ; durante os lustros com a perfeição da órbita solar ; durante os grandes ciclos, pelo retorno dos astros aos seus pontos de partida. Deus, por cujas leis eternas não se perturba o movimento vário das coisas mutáveis e com o travão dos séculos que se esvaem se reduz sempre a certa estabilidade ; por cujas leis, é livre o livre arbítrio humano e se distribuem as recompensas aos bons e os castigos aos maus, seguindo-se em tudo uma ordem fixa. Deus, de Ti procedem para nós todos os bens. Tu afastas todos os males. Deus, nada existe acima de Ti, nada sem Ti. Deus, tudo se acha sob o teu poder, tudo está em Ti, tudo está contigo. Tu criaste o homem à tua imagem e semelhança, como o reconhece todo o que a si se conhece. Ouve-me, escuta-me, atende-me, meu Deus, meu Senhor, meu Pai, Princípio e Criador meu, minha esperança, minha honra, minha morada, minha pátria, minha salvação, minha luz, minha vida.» [15]

A OBRA

É portentosa a produção de St.° Agostinho. Além de 250 cartas e 400 sermões, escreveu tratados sobre a Trindade, a graça, a alma, livros de exegesse bíblica, exposições de doutrina cristã, obras de apologética e moral, regras monásticas, diálogos filosóficos e intentou um compêndio de artes liberais : 109 obras num cálculo incompleto.

Entrara no maniqueísmo levado pela sede da certeza filosófica. Uma vez desiludido com ele, caíu na dúvida académica. Esta doutrina é a fase última e cépica do pensamento helénico. Assenta na impossibilidade da percepção quanto ao universal — a única fonte de conhecimento são os sentidos que mesmo assim nos enganam —, e na suspensão do juízo — o sábio ficará sempre em suspenso, a nada dará assentimento.

Em «*Contra Académicos*» está a criteriologia traçada por Agostinho para rebater o cepticismo. Primeiro, o descalabro a que ia dar o sistema. Se o sábio tem uma vida prática e para a realizar precisa de ideias e valores imutáveis e certos, a impossibilidade de os achar leva à imoralidade. Segundo, uma sabedoria sem verdades concretas e postuladas como frutos do processo cognoscitivo é irrisória e absurda. Se nada se vem a saber, porque continuar a falar em sabedoria ? Terceiro, nega-se o verdadeiro e aceita-se o provável. Mas este é sempre provável em relação a algo. O termo de comparação — a certeza — tem de existir e ser imutável, senão a probabilidade esvai-se. Quarto, sofisticamente se refugiam os cépticos nos erros dos sentidos. A questão está, porém, na interpretação dos dados dos sentidos : o juízo sobre eles é que pode faltar. E além da validade do mundo

---

(15) *Solil.*, l. I, c. I. A citação pode parecer extensa. A beleza e a teodiceia, porém, que encerra desfazem a aparência.

externo há o domínio do inteligível, a alma tem consciência do ser, da verdade e das respectivas implicações : teoriza na lógica, na matemática e nos demais saberes.

Constituem as «*Confissões*» uma das simbioses mais íntimas do humano e do divino. Delas irradiam uma antropologia e uma teodiceia justificadas por uma experiência pessoal e vivíssima. São o documento irrecusável da religiosidade do espírito humano. Toda a expressão do mundo interior a desembocar na verdade, ritmada pelo drama máximo deste mundo — a luta da graça e da vontdae. A nostalgia dos pecados passados, a inquietude do barro humano, o enigma da existência, tudo acaba vencido na conversão de Agostinho.

O grego oscilara a justificar o homem psicológica ou moralmente. Era a oposição ao ambiente ou o aceitar do vero, bom e belo. Platão sublinhara este, mas o cinismo só quis saber do indivíduo. A heresia donatista repudiando a comunidade cristã, refugiando-se na pretensa impecabilidade de alguns apontava a Agostinho as raízes velhas. O homem, pessoa e ser social, irmão dos outros homens na dor e no pecado, e filho de Deus, deu as «*Confissões*».

«*O fruto das minhas confissões é ver, não o que fui mas o que sou. Confesso-Te isto, com íntima exultação e temor, com secreta tristeza e esperança, não só diante de Ti mas também diante de todos os que crêem em Ti ; dos que participam da mesma alegria e, como eu, estão sujeitos à morte ; dos que são meus concidadãos e peregrinam neste mundo ; e enfim, diante dos que me precedem, me seguem ou me acompanham no caminho da vida.*» ([16])

O tratado de «*A Trindade*» é expoente da teologia e metafísica augustinianas, relacionadas as duas pela psicologia. Depois duma especulação puramente teológica, que aproveita a revelação, surge-nos o homem em face da Trindade Santíssima.

«*...Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Diz-se façamos e nossa, o que implica uma relação. Não foi que os deuses formassem o homem à sua imagem e semelhança, mas apenas que o Pai, o Filho e o Espírito Santo fizeram o homem à semelhança e imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para que o homem exista como imagem de Deus. E Deus é Trindade.*» ([17])

Logo Agostinho vê na estrutura da alma humana uma série de trindades a reclamar o divino modelo: a memória, o entendimento, a vontade...

Todas estas faculdades mùtuamente comprometidas a definir uma unidade, o homem.

Aqui e ali despontavam as reclamações dos ainda pagãos e o esbracejar do dualismo péssimista dos maniqueus — frutos do divórcio antigo entre a filosofia e a religião e do hiper-espiritualismo dos platónicos. Havia que graduar a realidade e basear o menos à custa do mais. Será uma filosofia tão real que abdicará

([16]) *Conf.*, X, 4.
([17]) *A Trindade*, l. VII, c. 6, 12. T. V., 3, B. A. C.

no divino. A pessoa humana no ser, conhecer e amar sugere-nos o absoluto de Deus Trino: a obra mais filosófica do santo é «*A Trindade*».

Um inimigo da moral e esterilizador do pensamento é a estética pela estética; é a tangente dum certo idealismo e do satânico. Por ela os gregos sedentos de harmonia e unificação da pluralidade sensível caíram no panteísmo e o cidadão estóico construíu-se a si, por si e exclusivamente para si. Depara-se no orgulho disfarçado de heroicidade, na vã cegueira armada em personalidade. O sagrado restava um luxo de razão; dos sobejos do homem é que se idealizava Deus.

Que é o pelagianismo senão a revivescência desta atitude? A redenção é anulada por um Deus ex-máquina e a natureza devora a graça.

Não só a altivez explica o estoicismo, é necessário atentar no fraco sentido histórico da cultura helénica, melhor na insensibilidade para uma filosofia da história. Mas Pelágio só tem orgulho e talvez mais nostalgia de voltar ao passado: a ilusão da moral laica.

A vacina contra a auto-suficiência que a heresia bebera na Grécia requeria primeiro um arejar: o enquadramento do homem no tempo, no ser e em Cristo, depois uma explicação de toda a sua riqueza — sentimento, dor, intelecto — em tal perspectiva. Sto. Agostinho iniciando-se na história aporta à respectiva teologia. É a «*Cidade de Deus*».

A «*Cidade de Deus*» é sinal do carácter histórico do Cristianismo: a vida da Igreja através dos séculos. Dois amores a comandar duas cidades — o do mundo a cidade dos homens, o do céu a de Deus. O acaso e o péssimismo são refutados pela Providência. A inserção do eterno na temporalidade, do divino no humano, brota da Encarnação do Verbo. A vida eterna é vivida neste mundo na Paz. É a Paz o fermento da história no seu caminhar teocêntrico e o anelo do homem através da cidade.

«*Acompanhar a gloriosíssima Cidade de Deus quer no rolar dos tempos em que vivendo da fé ela peregrina entre os ímpios, quer na estabilidade da mansão eterna que por enquanto espera com paciência até que a justiça se mude em juízo e que obterá um dia no esplendor duma vitória suprema, por uma Paz perfeita; defendê-la contra os que preferem os seus deuses Àquele que a criou, eis o objectivo da obra que tomo a cargo...*» [18]

JOÃO AFONSO

---

[18] *La Cité de Dieu*, l. I, pref., trad. de Pierre de Labriolle, t. I, classiques Garnier.

A LIBERDADE COMO IDEIA E COMO VIVÊNCIA

Todo o homem é necessàriamente livre, porque é-o por essência. A liberdade humana, participação da liberdade divina, começa por ser para nós um mistério. Deus respeita de tal modo o dom da liberdade, que o homem pode por meio dele dizer não ao próprio Deus.

Não será preciso demonstrar a existência da liberdade. Bastam para isso os argumentos da Metafísica, ou talvez nem esses mesmos sejam necessários, pois que o reconhecimento no homem de uma vontade livre dá-se naturalmente à consciência psicológica de cada um. Todo o homem se sentiu livre, pelo menos uma vez na vida. Mas para nos convencer mais da sua existência, iremos buscar o testemunho eternamente verdadeiro do próprio Deus, fonte única de toda a liberdade. Diz-nos o Génesis «que Deus fez o homem à Sua imagem e semelhança», ou seja, o homem pela sua espiritualidade e pela sua liberdade, é no mundo criado um reflexo do próprio Criador. Mas o mais perfeito contacto de Deus com o mundo realizou-se pela incarnação da Pessoa do Verbo, Jesus Cristo, que não veio tornar os homens livres, mas ensiná-los a serem livres. O Cristianismo veio libertar o homem, e fê-lo precisamente ensinando ao mundo que só se podem libertar homens que já sejam livres. O Cristianismo é a doutrina da liberdade. Ela é suposta em todas as páginas do Evangelho : «Se queres ser perfeito... deixa tudo... segue-me». Jesus emprega o verbo querer, que é o mais importante da gramática do homem livre. «Quem tiver ouvidos para ouvir ouça». Jesus deixa ao homem a possibilidade de dizer «sim» ou «não», partículas que só um homem livre pode pronunciar.

A liberdade é uma das mais cruciais realidades da vida humana. É uma das realidades que marcam rotas, definem rumos ; frente às quais se tomam sentidos verdadeiramente opostos, segundo se afirmam ou se negam. É uma daquelas realidades, pelas quais o homem está disposto a lutar e a morrer. Não admira pois que perante a importância de um tal problema, se tomem posições tão diversas, se lhe dêem interpretações tão diferentes... São os que vêem nela uma fonte de responsabilidade e que incapazes de confiança ou de desespero, lhe negam a existência, deixando-se levar pachorrentamente por um determinismo cómodo e doentio. Vêem depois aqueles que temendo as consequências de um determinismo, ou reparando na impossibilidade ontológica em que cairiam negando a liberdade, lhe adulteram a sentido. E então temos aqueles para quem a liberdade é um fardo que se tem de suportar, porque simplesmente fonte de responsabilidades e ecoa-nos aos ouvidos e gemido de J. P. Sartre, dizendo que «o homem está condenado à liberdade». Vêm depois os que a tomam como uma libertinagem de vida, um «fais ce que tu voudras». E são os que a tomam exclusivamente como

um direito à revolta, ao comando, à autonomia, e vemos passar diante dos olhos a imensa lista, não já de liberdade, mas de liberdades, desde da do político à do operário, passando por todos aqueles para quem a liberdade é mais uma fonte de receita do que uma exigência. E finalmente aqueles que a entendem no seu verdadeiro sentido, que a exercitam pela humildade e pela obediência, aqueles a quem a liberdade empenha numa tarefa, que só terminará no carisma da santidade, onde brilha com todo o seu esplendor, a santa liberdade dos filhos de Deus. Tantas maneiras diferentes de encarar uma mesma realidade. Em nome da liberdade o ladrão rouba, o político insurge-se e faz uma revolução, o operário faz greve, a mulher prostitui-se, o monge obedece, o homem santifica-se. E no meio disto tudo, a liberdade é uma apenas, de uma só essência tal como Deus a integrou no nosso ser. Estas diferentes posições mostram-nos que pode haver um culto da liberdade, um culto idolátrico por vezes, como o foi no Liberalismo. É para esse cultivo, para esse exercício da liberdade que interessava sobretudo dirigir a nossa atenção. Mas como é da ideia que há-de seguir-se a vivência dessa mesma ideia, começo por dar o conceito de liberdade.

Normalmente as nossas atenções incidem sobretudo sobre as liberdades exteriores, aquelas em que circunstâncias concretas da vida empenham o homem, pondo um pouco de lado a liberdade como realidade espriritual, que deve ser exercida, defendida e desenvolvida. O homem foge instintivamente das alienações exteriores, menosprezando por vezes as interiores. Mas o Cristianismo teme mais as alienações que vão contra a liberdade do espírito, só em função destas temendo as outras. O Cristinanismo elaborou o seu conceito de liberdade num mundo que era ainda do homem, construido para o homem a partir dele próprio. E se o homem não se opusesse, essa liberdade iria culminar na libertação dos santos. Mas o homem construiu para si mesmo um mundo, que o veio depois a alinear. E foi na altura em que ele, engolfado no mundo da técnica, foi considerado como parcela de um todo, que surgiram as liberdades exteriores e a partir delas diferentes conceitos de liberdade. Mas a nós interessa-nos o conceito cristão, que culmina como é natural, na Filosofia Tomista.

IDEIA TOMISTA DE LIBERDADE

O Tomismo encara a liberdade como qualidade interior de que falei atrás. Mas esta qualidade espiritual tem que ter manifestações no concreto, consequências na prática. Por isso S. Tomás começa por distinguir a liberdade como qualidade espiritual ou livre arbítrio, da manifestação exterior dessa qualidade, isto é, liberdade de especificação ou de espontaneidade. Esta última é o resultado do exercício da primeira.

O homem é um ser dotado de inteligência e de vontade. S. Tomás considera a vontade um verdadeiro apetite, «uma potência de desejos e inclinações», produzindo na alma dos seres espirituais o seu acto primordial, que é o amor. Mas o homem só apetece as coisas conhecidas, o que é dizer que todo o apetite enraíza no conhecimento. Os apetites sensitivos enraízam num mero conhecimento dos sentidos. Mas a vontade, como é potência de conhecimento espiritual, en-

raizará também num conhecimento espiritual, conhecimento da inteligência, por conseguinte. A inteligência tem um conceito de bem tão amplo como o conceito de ser. É preciso que exista uma faculdade, que seja potência de desejo e de amor, que tenda para o bem conhecido como tal. Surge-nos a vontade, enraízada por conseguinte na inteligência. Ela é uma exigência da própria natureza intelectual: e ela mesma é em certo sentido também uma natureza. Mas como natureza ela exige um princípio que a determine necessàriamente, algo que ela queira em razão da sua própria essência. Esse algo que é objecto determinante da vontade, é a Beatitude. À imagem de Deus, cuja vontade infinita é necessàriamente determinada por Ele Mesmo, o homem é igualmente necessitado em relação ao único bem que satisfará todas as suas tendências, por conseguinte o Bem Absoluto — Deus. S. Tomás vai dizer-nos o que é a liberdade, no fim de nos ter dito o que ela em absoluto não pode ser, ou seja: vai deduzir o conceito de liberdade do conceito de necessidade. Assim é de facto. Só o bem pode mover a vontade. E entre os muitos bens que ante ela se apresentam, só um a determinará necessàriamente: — o Bem Absoluto. Mas outros, como bens, podem por ela ser queridos, sendo-o por conseguinte livremente. A vontade é portanto livre em relação a tudo o que não seja primàriamente Beatitude, isto é, em relação aos bens particulares. Daqui se deduz fàcilmente qual seja a essência da liberdade. Uma vez que o único objecto que determina a vontade é o bem, a essência da liberdade é poder fazer o bem. Tudo isto se compreenderá melhor se for projectado num plano divino. O homem é livre à semelhança de Deus e por participação da Sua Liberdade Divina. Como Deus, o homem foi também constituído senhor de toda a terra, dominando pela sua liberdade todas as suas paixões e instintos. E se a liberdade era nele, analògicamente, senhoria absoluta de si mesmo ele era também senhor do próprio mal, e a sua liberdade concretizava-se em poder fazer o bem.

Em Deus e no homem a liberdade tem a mesma essência. Ilimitada e infinitamente perfeita em Deus, limitada no ser humano, limitação essa que se concretiza numa certa indiferença frente ao bem e ao mal. A indiferença em relação ao bem e ao mal não é propriedade da liberdade na sua essência pura, mas da liberdade limitada do homem.

Mas com a queda também a liberdade foi enfraquecida, não intrìnsecamente, mas no seu exercício. O homem pelo pecado, criou um conjunto de circunstâncias dentro das quais o exercício da sua liberdade se tornou extremamente difícil. Mas na história das relações entre Deus e os homens, há um momento em que Deus vem resgatar o homem, reelevando-o ao plano sobrenatural. E eis que se dá também a reelevação da liberdade, que passa a ser o poder dizer sim ao bem e não ao mal, por parte do homem, agora auxiliado já no exercício da sua liberdade pela graça. Assim se compreende que a mais alta liberdade humana resida precisamente na mais alta participação da Liberdade Divina, ou seja, no agir constante e totalmente sob influência da graça. Assim se compreende igualmente que o santo seja o mais livre de todos os homens.

Vejamos mais em pormenor em que consiste segundo S. Tomás a liberdade. Vimos já que existe por parte da vontade uma indeterminação em relação aos bens particulares. Esta indeterminação não é passiva, mera potência a ser preen-

chida livre ou não livremente. Trata-se de uma indeterminação a que Maritain chama activa e dominadora. A inteligência pode julgar da bondade de um determinado objecto, sem por isso ele ser querido ou amado. A inteligência por si só, julga mas não decide. Para isso é preciso um juízo prático pronunciado sobre a vontade pela inteligência, levando-a a dirigir-se para esse objecto. E esse juízo é feito sob imperativo da vontade, ou seja, é a vontade que determina a inteligência a fazer um juízo, que é por sua vez determinativo dela própria. É neste domínio da vontade sobre o juízo prático que a determina, que consiste a liberdade. É evidente que há aqui uma interpenetração mútua de causalidades por parte das faculdades racionais.

Maritain compara a vontade livre a um rio que pudesse ele próprio escolher as margens que irão limitar o seu curso durante toda a sua existência. O exemplo está bem escolhido. Esse rio poderia ser livre apenas uma vez na vida, donde a responsabilidade de um acto de escolha em tais circunstâncias. Os homens são livres durante toda a sua existência, mas deviam usar sempre dessa liberdade como se o fossem uma vez apenas. Todas as suas eleições seriam feitas com uma decisão firme e irrevogável, qualidade principal do homem livre. Mas isso implica um exercício árduo da liberdade. Ela é um dom, mas é também um dever, e ligada ao dever está a luta, está a conquista, está a ascese.

O EXERCÍCIO DA LIBERDADE

A liberdade não é em si mesma um fim nem um estado. Ela é uma acção «in fieri», é um dever, uma orientação, um rumo em busca da verdade e do bem. Ela é essencialmente uma realidade dinâmica. «O homem é um livre arbítrio em marcha para a libertação», para essa liberdade por que tanto se anseia nos nossos dias.

«O homem não nasce livre, torna-se livre, é diferente». É este dinamismo da liberdade que o poeta quer exprimir por uma forma que escandaliza. O exercício da liberdade pode tomar diversos sentidos, diversos rumos segundo condicionalismos vários que a integram. Ele orienta-se normalmente para as diferentes liberdades exteriores, mas ele deve sempre culminar na liberdade do espírito, a única que é a verdadeira liberdade, e sem a qual as outras não passam de fictícias imitações. A liberdade interior é solidária com as liberdades exteriores, não se compreendendo estas sem aquelas. Mas em que consiste e em que se fundamenta o culto da liberdade como exercício? Ele é uma resultante da relatividade da nossa natureza, e consiste na constante elaboração da liberdade como domínio de nós mesmos, até chegarmos à verdadeira libertação — a do espírito.

O homem que é por essência uma personalidade livre, pode sê-lo mais ou menos no campo limitado da sua existência. A liberdade é um dom, mas é um risco e uma responsabilidade, pois que a personalidade livre, metafisicamente impossível de se perder, pode sofrer grandes abalos no campo psicológico e moral. É nesta verificação que radica a necessidade de nos treinarmos em sermos livres. A liberdade de escolha ou livre arbítrio, é em nós uma semente que precisa de ser cultivada, até desabrochar plenamente, dando o que S. Tomás chama a liberdade terminal ou de sublimação.

As limitações vêem à nossa liberdade principalmente de duas fontes : do facto de nós sermos espíritos informadores de matéria, e de sermos criaturas, dependentes da transcendência infinita dum Criador. O exercício da liberdade pode, segundo estas duas fontes de limitação, tomar duas orientações diferentes : em ordem à sociedade e em ordem à eterna felicidade no Céu. Portanto exercício de uma liberdade social — que culminará na sociedade perfeita e exercício de uma liberdade espiritual, que atingirá o seu auge na Visão Beatífica.

A personalidade humana está sugeita a todas as misérias e fatalidades, estreitezas e imperfeições que lhe adveêm da matéria. Ele são sofrimentos e necessidades corporais ; ele é o egoismo a projectar-nos contra tudo e contra todos, é a ignorância, a selvajaria dos instintos e por vezes ainda o pesado fardo da hereditariedade. E no meio destas vicissitudes, a liberdade pode sufocar-se, e não passar nunca de uma realidade metafísica. O homem nestas condições se quer ser verdadeiramente livre, ou melhor, se quer usufruir dessa liberdade que possui por essência, tem que lançar-se à conquista, defendendo-a, desenvolvendo-a. Mas se o homem se isola, perde-se em si mesmo, constituindo para si uma auto-alienação. O homem precisa na tarefa de sua libertação pessoal, de trabalhar em equipa diríamos, libertando-se a si, ajudando a libertar os outros. Procurar conseguir a liberdade individual conseguindo antes uma liberdade comum ou social. E é então que nasce a sociedade. Das exigências da natureza humana e da liberdade como libre arbítro, nasce a civilização, da qual surge a comunidade política, que nos aparece «como uma obra humana de razão e de virtude». E a sociedade civilizada, enraizando como vimos na natureza e na liberdade, é uma projecção em ordem a uma liberdade maior, a perfeita liberdade de independência, em que se possa dar o desenvolvimento integral da natureza humana. Esta liberdade perfeita é já uma liberdade terminal, mas «secundum quid», porque apenas no plano humano. A sociedade humana organizada, tem em vista tão sòmente a garantia das liberdades exteriores, que são condição e orientação para a prosperidade de uma verdadeira liberdade interior.

Como vimos, a sociedade tem em vista as liberdades particulares, por meio de uma liberdade comum. Mas surgem-nos aqui diversos problemas: o primeiro, é que para se conseguir uma liberdade social, tem que haver choques de liberdades individuais que são por isso mesmo restringidas. Terá a sociedade o direito de pôr limites às liberdades particulares? — A resposta é clara e é só uma : os únicos limites que uma liberdade admite, são outras liberdades. E acontece por vezes que a liberdade dos outros é um verdadeiro limite para a minha liberdade. Um exemplo caricato mas que é elucidativo. Antigamente a liberdade de caçar era reservada apenas aos príncipes. Hoje todas as pessoas gosam dessa liberdade. Simplesmente ela consiste hoje em ter liberdade de andar com uma espingarda às costas e não de caçar. A multiplicação das pequenas liberdades individuais veio limitar, ainda que legìtimamente, as pequenas liberdades.

Mas numa sociedade, podemos considerar as relaçõs dos súbditos com a autoridade, e as relações de súbditos entre si. Quanto à primeira espécie de relações, que são relações de domínio e de obediência mútuos, temos a distinguir o domínio sobre homens libres, exteriormente falando, ou sobre homens constituídos

em servidão. No primeiro caso, em que o que manda, fá-lo para bem e utilidade da liberdade daquele que obedece, temos o domínio dirigido para bem da sociedade, e que segundo S. Tomás existira mesmo que não tivesse havido pecado original. No caso de domínio sobre o homem constituído em servidão, quem manda fá-lo para utilidade sua, o que deve ser para o servo algo do aflitivo, pois que dirige conscientemente para o bem de outrem aquilo que podia ser orientado para o seu próprio bem. Isto é segundo S. Tomás, consequência imediata do pecado e portanto profundamente de lamentar. Quanto às relações de súbditos entre si, as normas que devem reger a coexistência de liberdades, são cuidadosamente estabelecidas pela Moral. Deste problema da liberdade social, muitos outros se levantam, como o das liberdades económicas, liberdades científicas, etc., que é impossível resolver aqui.

Mas o homem, além de ser um ser material, é uma criatura, dependente da transcendência do seu Criador. A consideração desta relação trás um novo rumo ao progersso da liberdade, não já exterior, mas interior. Ele é feito sobretudo pela cooperação fiel com a graça, dirigida para a verdadeira liberdade terminal, que culminará na plenitude da perfeição e do amor.

Vemos pois como o libre arbítrio se ordena para esta liberdade de exultação. É por ela e não pela liberdade de escolha, que os homens se batem e morrem.

Ainda neste capítulo da liberdade como exercício, seria interessante notar além dos múltiplos elementos que podem diminuir uma liberdade e que atrás ficaram esquemàticamente apontados, as relações da liberdade com a obediência e da liberdade com a lei. Quanto à obediência, notemos que quando ela resulta da liberdade interior, guiada mais por motivos do que por imperativos, é um óptimo meio de educação da liberdade. Quanto à lei, digamos apenas que ela é para a liberdade «monição e protecção, exigência e dom». Ela é quando legítima, o caminho indicado para a verdadeira libertação.

A LIBERDADE VISTA À LUZ DAS PSICOLOGIAS PROFUNDAS

São verdadeiramente espantosos os progressos feitos nestes últimos tempos, pela psicologia considerada como estudo das relações pessoa a pessoa, abertamente manifestada nos métodos terapêuticos psicanalíticos. O psicólogo inspeciona até às regiões mais íntimas, a personalidade do ser humano, e assim iluminado pela luz da ciência, ele mexe e remexe essas zonas escuras do nosso psiquismo, buscando nelas o encadear dos factos e o interchocar de sensações, procurando destruir os efeitos pelo conhecimento seguro das suas causas profundas. E não falta já quem, ao viajar através dessas regiões das profundezas, se atreva a afirmar não ter encontrado por lá vestígios disso a que os homens chamam liberdade.

1) CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE

Tornou-se comum a partir de Freud, a divisão da personalidade em três regiões diferentes, embora interligadas. A primeira, a mais profunda, sempre marcada

com o estigma da hereditariedade, e que se costuma identificar pelo monossílabo «id». A segunda, que tem com a primeira uma relação de causalidade, normalmente marcada por influências sociais, e que é conhecida por «super ego». E finalmente a terceira, que podemos considerar como uma auto-construção do sujeito, conhecida por «ego».

O «id» é como disse a região mais profunda e mais obscura da personalidade. Encerra em si todo um conjunto de desejos e apetites inconscientes, que, ou são inacessíveis à zona da consciência, ou que por ela foram recusados. Podemos considerar o «id» como a forma inicial do nosso aparelho psíquico, tal como ele se apresenta no período pré-natalício e mesmo na criança depois de nascer. Assim se compreende que nele esteja depositado todo o fardo da hereditariedade. Como toda a personalidade, também o «id» é dotado de força dinâmica, que se caracteriza num conjunto de forças instintivas.

Para Freud era o «id» a base mais profunda do psiquismo. Por ele reduzido às necessidades biológicas instintivas, caracteriza-se por um princípio de destruição ou instinto de morte, e por um princípio construtivo, a líbido ou instinto sexual, sem dúvida nenhuma mais forte que o primeiro. Segundo ele, o «id» é a fonte inconsciente e inorganizada da líbido, portanto inteiramente dominada pela sexualidade.

O «ego» é a zona do que vulgarmente se chama consciência, fonte de todos os processos cognitivos, que compreendem precepções tanto externas como internas. Dominado pelo princípio da realidade, é a fonte de todo o pensamento objectivo, social, verbal. É ao «ego» que compete a defesa da personalidade, o seu ajustamento ao meio ambiente, a resolução dos conflitos surgidos entre o organismo e a realidade. Ele realiza por assim dizer, uma síntese de toda a personalidade. Segundo Freud, para quem o «id» é o fundamento do psiquismo, o «ego» é tão sòmente uma parte do «id» modificada em contacto com a realidade.

O super-ego» é uma modificação do «ego», levada a efeito por forças extrínsecas ao sujeito, mas que sobre ele exercem influência, como regras morais, sociais, etc. O «super-ego» faz-se notar sobretudo nos conflitos entre ele e o «ego», conflitos que são resolvidos pela consciência da culpabilidade. Freud define-o como «essa essência superior do homem, da qual emanam as religiões, os sistemas morais e sociais.» Estamos pois a ver como se desenrola o mecanismo da personalidade. O «ego» ou zona consciente, a ser limitado, quer pelas exigências do «super-ego», quer pelas infiltrações do «id». Interessa-nos aqui considerar mais em pormenor precisamente essa influência das zonas mais recônditas do psiquismo, do inconsciente numa palavra, para vermos a influência por ela exercida nos actos humanos e na eleição desses mesmos actos, o que é dizer, na liberdade do homem.

2) NOÇÃO DE INCONSCIENTE

Freud, perante certos casos de histeria, nevroses ou obsessões, foi levado a admitir uma fonte dinâmica de operações e reacções, que exercia o seu papel nos bastidores da vida consciente. A essa fonte dinâmica chamou ele o inconsciente,

identificando-o com o recalcado, ou seja, um conjunto de instintos e apetites, cuja tendência irreprimível é chegarem à consciência, mas que ao tentarem acesso a essa zona da personalidade, são recusados, rechaçados diríamos, conscientemente ou inconscientemente. Esses instintos e apetites cujo acesso à categoria de fenómenos conscientes foi recusado, não desistem e organizam-se entre si, constituindo uma força de revolta, um princípio dinâmico de operações e reacções, cujo papel se faz sentir por detrás do «écran» da vida consciente, exercendo uma verdadeira influência no nosso comportamento.

A partir dos casos patológicos, sobretudo das nevroses, estende Freud a influência dos fenómenos inconscientes ao homem normal. Mas identificando o inconsciente com o recalcado, Freud restringe este quase exclusivamente às tendências sexuais, sobretudo da sexualidade infantil. Referindo-se directamente aos casos patológicos, diz que o «complexo de Édipo» é o nó de todas as nevroses.

Freud é exagerado ao fazer depender o fundamento do nosso psiquismo, dos instintos libidinosos. É igualmente exagerado em restringir o inconsciente ao recalcado. Sabemos que à zona do inconsciente pertencem não só os conteúdos psíquicos rejeitados pela consciência, mas também outros elementos que por si não estão orientados para a consciência. Vemos já o que de novidade nos trazem estas investigações das psicologias profundas. Até há pouco o homem, desconhecendo toda a força causativa desses fenómenos inconscientes, considerava-se garbosamente um ser racional, regulando pela sua inteligência e vontade toda a sua conduta. E parece chegar agora à conclusão que muitas das suas decisões se originam nas zonas profundas do inconsciente.

3) INCONSCIENTE E LIBERDADE

Relativamente à liberdade, a existência e actividade desses fenómenos inconscientes é de uma importância cruciante. Como vimos, esses conteùdos psíquicos organizam-se entre si, constituindo assim uma força dinâmica, que exerce influência no comportamento do indivíduo. Há pois determinadas acções e reacções que têm origem no psiquismo inconsciente. O problema está em saber até que ponto essas acções são livres. É preciso ver que o indivíduo ao agir nessas circunstâncias, não dá conta dos verdadeiros motivos de acção precisamente porque eles são inconscientes. Mas por outro lado, agindo racionalmente, não age sem motivos pelo menos aparentes. Portanto se os verdadeiros motivos do seu agir escapam à sua percepção, o sujeito forjará para si motivos conscientes e racionais que justifiquem o seu comportamento, e que serão por conseguinte falsos motivos. O grande problema está em saber até que ponto o sujeito ,ao agir livremente, se engana a si mesmo quanto à natureza dos seus motivos de escolha, actuando assim iludido por uma falsa liberdade. Sim, porque se um sujeito mata outro, para defesa por exemplo, da honra pessoal e familiar, e se no fundo a verdadeira razão desse acto é qualquer fenómeno inconsciente, originado talvez em algum conflito infantil, aquele homem enganou-se ao matar o seu semelhante e não o fez por conseguinte com liberdade.

Procuremos dar resposta a este problema, considerando em primeiro lugar os

casos de sugestão post-hipnótica. Trata-se de fenómenos da seguinte natureza: a um indivíduo hipnotizado dá-se-lhe uma determinada ordem que ele só virá a cumprir quando tiver saído do estado de hipnotismo. O sono hipnótico é um dos meios de trazer à zona do consciente os elementos inconscientes. Portanto uma ordem recebida no estado de hipnotismo é acatada como consciente, sendo reduzida à categoria de conteúdo inconsciente, uma vez voltado o indivíduo ao estado normal. E é então que o sujeito em questão, iludido por um motivo racional falso, cumprirá à letra a ordem dada, e que residia precisamente no seu inconsciente. Fenómenos desta natureza são de existência inegável, porque são fruto da experiência. Um exemplo apenas: — durante o sono hipnótico, manda-se a um determinado indivíduo que às três horas da tarde percorra três vezes, de alto a baixo, com um chapéu aberto, a rua em que mora. Saído do estado de hipnotismo, ele não se lembra sequer da ordem dada. E no entanto, às três horas da tarde, perante a admiração da família, ele sai de casa com o chapéu de chuva, e cumpre à letra a ordem dada. Este homem agiu pensando que o fazia por iniciativa pessoal e livre, quando no fim de contas ele realiza essa acção com a mesma fatalidade de uma pedra que cai. Em suma, ele julgou-se livre e todavia não o era. Vemos aqui já ruir pelo fundamento a prova tirada do sentimento pessoal de cada um em favor da liberdade.

A primeira resposta que se dá, para neste caso salvar a liberdade, é que se trata de um estado anormal, donde de maneira nenhuma se pode partir para enunciar um princípio geral. Além disso este fenómeno da sugestão post-hipnótica não se verifica invariàvelmente em todas as pessoas. Ela produz irresistivelmente o seu efeito apenas em casos de pessoas anormais, como histéricos, abúlicos, etc. Além disso há casos em que o sujeito resiste a essa sugestão, notando-se a supremacia da liberdade em relação às razões inconscientes. Dois exemplos para ilustração: — a uma rapariga é dada, durante o estado de hipnotismo, a ordem de ao levantar-se no outro dia de manhã, pôr-se de pé em cima duma mesa. Ao acordar ela dirige-se à mesa, olha em volta, fixa-a bem, mas reage e não sobe. A inclinação para a acção existiu, mas o desusado dessa acção fez despertar a sua liberdade. Noutro exemplo vê-se mais nítida ainda a vitória da liberdade. A uma doente, durante o sono hipnótico, é mandado que ao acordar vá dar um abraço a um determinado aluno do serviço de enfermagem. Uma vez acordada, ela dirige-se ao tal aluno, fixa-o, pega-lhe na mão... fica algum tempo a contemplá-lo, e por fim, num grito, exclama que sentia desejo de o abraçar, mas que não cometerá tal inconveniência.

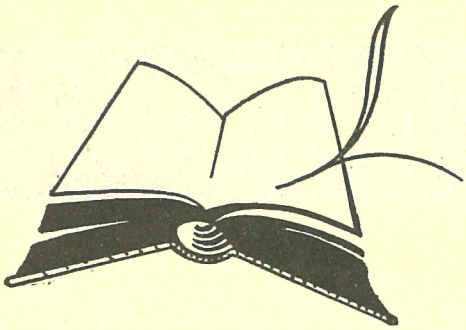
Maior dificuldade nos vai trazer o processo de necessidades normais com fonte inconsciente, bem como o inconsciente dinâmico de Freud, verdadeiro princípio de certas condutas humanas. Notemos em primeiro lugar que há um parentesco muito aproximado entre estes fenómenos. Quanto ao inconsciente de Freud, lembremo-nos de que foi através do sono hipnótico que o grande psiquiatra chegoo ao seu conhecimento.

Formulemos mais uma vez o problema: trata de saber-se em que medida é que o homem, no seu agir normal, se engana quanto aos verdadeiros motivos do seu comportamento. Notemos, antes de o encarar de frente, que muitas das

necessidades fisiológicas que determinam muitíssimos actos de cada indivíduo são inconscientes. O indivíduo come porque tem fome, e a fome é um fenómeno físico que se faz sentir e que é verdadeiro motivo de acção mesmo antes de ser apreendido pela consciência. Se o homem come instintivamente, só porque a fome o levou a isso, não podemos é certo chamar livre a um acto desses, mas também não podemos em razão desse mesmo acto negar a liberdade. Esse acto poderia ser colocado na lista de actos automáticos, que o conceito de liberdade não exclue. Mas se o homem personaliza e espiritualiza essa tendência instintiva, inconsciente, para a comida, o seu acto será elevado ao nível das acções livres. Estamos por conseguinte a ver que o carácter de liberdade de uma determinada acção depende, não do fenómeno fisiológico ou psíquico que a motivou, mas tão-sòmente do modo como esse motivo é encarado pelo sujeito. É aqui que está a chave para a resolução do problema dos fenómenos de motivação inconsciente. Demos um exemplo, para que à base dele se compreenda melhor a doutrina: uma jovem está doente há já dois anos. Impressiona a todos a maneira como ela aceita o sofrimento, oferecendo-se a Deus como vítima de expiação. Ela própria sente-se contente de estar a sofrer, para poder assim colaborar com Cristo, etc. Sujeita a um tratamento psicanalítico, chega-se à conclusão de que a causa da sua resignação e da sua aceitação do sofrimento estava, não na entrega a Deus, mas numa tendência natural e num gosto pessoal pelo sofrimento. E aqui temos toda a abnegação e virtude desta jovem postas por terra, devido à Psicanálise que não prima por ser discreta. Podemos dizer que aquela oferta a Deus do seu sofrimento não foi um acto livre? — De maneira nenhuma. Não interessa que a verdadeira causa do acto seja desconhecida pelo agente. Interessa apenas que este, perante um motivo que lhe parece verdadeiro, o assimile espiritualmente, o torne pessoal, o faça vivencial, fazendo-o penetrar na sua própria personalidade —, e teremos então uma verdadeira acção livre. Perguntar-se-á qual foi o verdadeiro motivo desse acto livre? — Ambos. Há uma complexidade de motivos, que vem salvar o problema da liberdade. Há um conjunto de realidades ou fenómenos, conscientes e inconscientes, fisiológicos ou psicológicos, que agem sobre nós, e que permitem ao nosso organismo o abrir-se sobre o mundo. E perante todos estes elementos, e devido a eles, nós temos uma reacção que constitue precisamente o nosso comportamento. O nosso comportamento é uma resposta a todo esse sistema de motivação complexa. E essa resposta será, na medida em que for impregnada de racionalidade e espiritualidade, uma resposta humana, e por conseguinte livre. Sendo assim, podemos dizer que «o nosso comportamento é livre precisamente na medida em que a situação e a resposta se constroem em função da personalidade autónoma do sujeito.»

Resumindo e concluindo, vemos pois que o problema da liberdade, relativamente às motivações inconscientes, depende inteiramente do estado psíquico do indivíduo. Desde que este seja normal, essas sugestões inconscientes terão sobre ele a mesma influência que outros factores fisiológicos; e tanto uns como outros só serão verdadeiros motivos na medida em que forem assimilados pela espiritualidade do homem.

J. POLICARPO



Livros novos

EGLISE, PEUPLE DE DIEU [1]

JEAN-MARIE LEROUX

Jean-Marie Leroux apresenta-nos em menos de 300 páginas uma história da Igreja e uma reflexão sobre esta mesma história.

Desprezando os esquemas históricos tradicionais, preocupou-se o autor só com os acontecimentos que mais afectaram a comunidade, inistindo na história da vida espiritual.

Cada um dos 5 capítulos constitui por si só uma história da Igreja desde as origens até aos nossos dias: acontecimentos históricos pròpriamente ditos, história dos cismas e das heresias, história do pensamento católico, do apostolado dos cristãos e, como já foi dito, da vida espiritual.

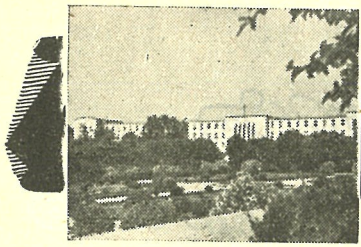
O leitor encontrará na leitura do livro os grandes momentos da vida da Igreja, a sua articulação e o quanto cooperam para construir a Igreja de hoje.

O autor quis contribuir para dar uma resposta à preocupação de muitos cristãos que se interrogam sobre a autenticidade da doutrina e das instituições actuais da Igreja, esforçando-se por saber se ela é a expressão ideal da Igreja instituida por Cristo.

Sendo um ensaio histórico, «*Eglise, Temple de Dieu*» constitui um livro de meditação e realiza a sua finalidade: fazer tomar consciência aos cristãos da vitalidade profunda da Igreja na sua realidade terrestre, para que melhor a compreendam e amem.

---

(1) *Les Editions Ouvriéres — Collection «Eglise d'hier et d'aujourd' hui».* Vol. 14×24 — 780 Fr.



CRÓNICA

Maio florido, com a brancura das flores a cantar o teu louvor, ó Maria!

No nosso Seminário este mês é de intensa vitalidade. É a exuberância da própria natureza, tão largamente manifestada no nosso parque que se veste agora da sua maior gala. É a piscina, em cujas águas sossegadas, todas as tardes vão mergulhar as mágoas de um final de ano. É a devoção à Virgem, e toda uma ambiência festiva, que fazem de Maio um dos meses mais vivos e mais vividos.

Ainda em Abril, tivemos ordenações no dia vinte. Ordens menores e o diaconado foram conferidos a alguns dos nossos colegas. Pela tarde Sua Eminência falou a todos. Começou por focar o facto de ser dia de ordenações, termo para que se encaminha toda a vida do seminário. Falou-nos em seguida do exercício das chamadas virtudes crucificantes: castidade, obediência e pobreza. Ao falar-nos da castidade, disse-nos que o celibato devia ser encarado pelos sacerdotes, não como uma exigência anti-humana, mas como um título de libertação e de triunfo. E o padre que assim não o encarar, já pecou no seu coração.

Ao falar-nos da pobreza focou que ser pobre não é sinónimo de não ter dinheiro, porque isso pode significar que se foi perdulário. O espírito de pobreza deve manifestar-se sobretudo na recusa do supérfluo, embora na posse do necessário.

Foi celebrado por iniciativa do Círculo Misionário, o primeiro aniversário da encíclica «Fidei donum». Fazendo parte dessas comemorações, tivemos a honra de ouvir o Sr. Doutor Henrique Martins de Carvalho que nos falou dos «problemas da defesa da África». Sua Excia. começou por focar a importância, não só política, mas mesmo vivencial, para nós europeus, deste problema da defesa do território africano. É que esta velha Europa, depositária de tradições e civilizações, encontra-se entre dois focos, entre duas raças em expansão: a asiática, onde campeia o comunismo e a americana que estende a sua influência a todo o mundo através de uma indústria poderosa, — restando-lhe como única zona livre para onde possa expandir-se, o grande continente africano.

Depois desta breve introdução, em que fez referência à mais fabulosa do que real riqueza do continente negro, o Doutor Martins de Carvalho passou a aceitar perguntas referentes ao assunto, às quais respondeu depois colectivamente, numa forma bem estruturada. Abordaram-se problemas como o do conceito de nacionalidade em África, o dos muçulmanos, cuja zona de penetração é diferente na África Negra. Falando-nos do Islão, disse-nos que quando ele se revela como é, mostra-se como força anti-branca, e profundamente anti-católica. O Dr. Martins de Carvalho, afirmando que o único esforço que nos pode merecer uma África verdadeiramente civilizada, é um trabalho de valorização e humanização junto de cada africano, terminou a sua palestra dizendo que estamos de novo no século XV, não para descobrir territórios, mas para encontrar almas desconhecidas no meio de nós.

A Academia de Santo António reuniu no dia dois de Maio, na sua última sessão ordinária em que foi tratado o tema da «Liberdade como ideia e como vivência». A secção de Filosofia, tem tido como actividade um interessante curso de Caracterologia, dirigido pelo António Serrão.

Com as sentidas festas de primeira comunhão e Profissão de fé e com as estrondosas sessões de encerramento, terminaram as nossas actividades catequísticas. A nossa casa, que foi cenário de algumas delas, sentiu bem com a alegria simples e saltitante de todas essas crianças, ainda boas como sairam das mãos de Deus.

Está a decorrer também durante este mês de Maio um curso de Psicologia aplicada, dirigida pelo Senhor Padre Honorato Rosa. Oxalá ele seja o início de uma actividade continuada, que nos faça aproveitar da grande experiência e largo saber de S. Reverendíssima.

A cantata «Rei David» do compositor Honegger, foi ouvida por nós no dia onze.

O grupo dos nossos desportistas, futebol e hóquei em patins deslocaram-se no passado dia dezassete ao Seminário de Carcavelos, para disputarem com os nossos já conhecidos e estimados rivais, uma partida inaugural do seu campo de jogos. Embora fora de casa e em jogo de cerimónia, os nossos cometeram a indiscrição de vencerem ambos os encontros. Esperamos que lho não tenham levado a mal.

Ecos da exposição internacional de Bruxelas chegaram até nós pelos testemunhos autorizados de Mons. D. João de Castro e do Sr. P. Manuel Falcão. O Sr. D. João, que participou em Paris numa reunião internacional da União apostólica do Clero, trouxe-nos dela um testemunho vivo e directo.

Começa a preparar-se intensamente a festa dos finalistas, que «servidores» do Reino, brevemente irão partir. A festa de despedida vai celebrar-se, mas em espírito eles ficam connosco e nós partimos com eles.

J. POLICARPO

ARTIGOS RELIGIOSOS

PARA REVENDA E PROPAGANDA

CASA DE S. JOSÉ — PORTO

(FUNDADA EM 1896)

168, RUA DAS FLORES, 170

TELEFONE: 22886

Visitai esta casa, apreciai o seu sortido e confrontai os seus preços

Descontos especiais para as Missões Católicas

FUNDADA EM 1756

"Cenáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93-2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 – LISBOA

UNIÃO GRÁFICA

S. A. R. L.

Sede: Rua de Santa Marta, 48-LISBOA

LIVRARIA — As últimas novidades literárias.

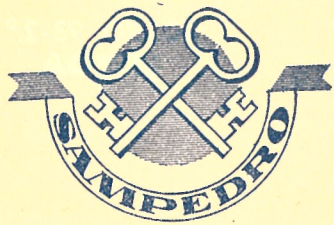
TIPOGRAFIA — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

EDITORIAL—Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de NUNO DE MONTEMOR.

OBJECTOS RELIGIOSOS — O maior sortido aos mais baixos preços.

PARAMENTARIA — Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

PROPRIETÁRIA do diário «NOVIDADES», da revista de actualidades «FLAMA», do semanário «A GUARDA» e da publicação bi-mestral «SELECÇÃO DOCUMENTAL»



M. d'Oliveira & Marques, L.da

P. dos Restauradores, 65, 1.º
TELEF. 3 08 76 — LISBOA

SECÇÃO DOS TECIDOS PRETOS R. M.

Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas.

●

Elasticotines — Sarjas — Tropicais
Casemiras — Merinos — Sobretudos

●

Alfaiataria — Capas — Gabardines

●

Condições especiais para Finalistas

SECÇÃO DE LIVRARIA

Livros estrangeiros — Edições próprias

●

Revistas estrangeiras: Lumen Vitae — Foyer Notre Dame — Famille et College — Ecclesia — Panorama Chrétien, etc.

●

Filmes fixos e de movimento:
(Catequese — ensino — divertimento)

●

Máquina de escrever «Antares Micron»

●

Máquinas de Projecção



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

Vaticano

CASA RUVINA Rua Formosa, 173 – PORTO

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

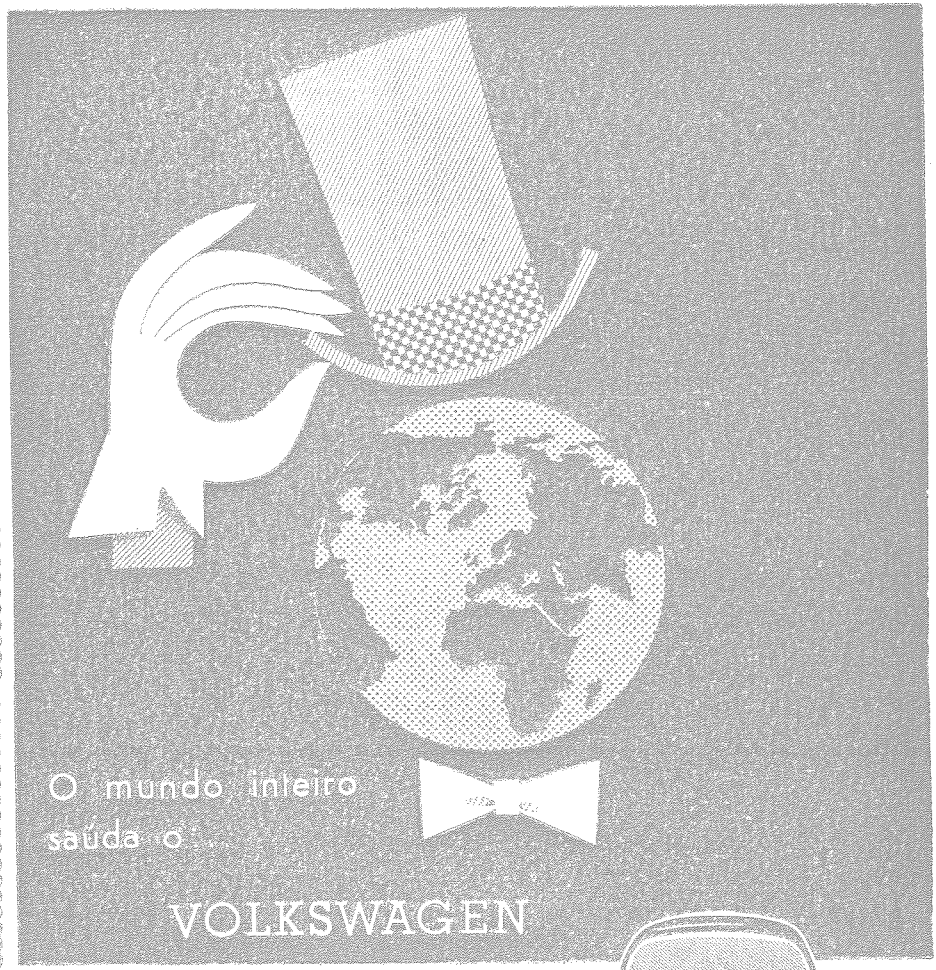
Casa fundada em 1832

ESTABELECIMENTO: 166 — Rua do Ouro — 170 OFICINA: 17 — Rua S. Tiago — 19

Tudo para iluminação

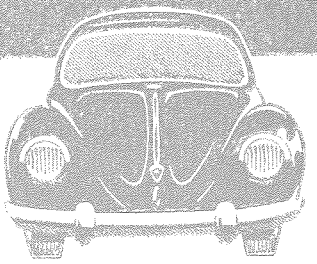
ELECTRICIDADE – ÁGUA – GÁS – AQUECIMENTO

PREMIADA EM 7 EXPOSIÇÕES: 4 ESTRANGEIRAS E 3 NACIONAIS



Faça como o Mundo inteiro
compre um

VOLKSWAGEN



SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN

S. A. R. L.

P. DOS RESTAURADORES, 74 – TEL. 36 67 51 (7 LINHAS)